

Copyright (c) 2020 Museologia & Interdisciplinaridade



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License. Fonte: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35362>. Acesso em: 3 fev. 2022.

Referência

MAGALDI, Monique Batista. A UnB é um Museu?: pensando possibilidades de musealização. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9, n. esp., p. 54-80, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v9iEspecial.35362>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35362>. Acesso em: 3 fev. 2022.

A UnB é um Museu? Pensando possibilidades de musealização

Is UnB a Museum? Thinking about musealization possibilities

54

Monique Batista Magaldi¹

DOI 10.26512/museologia.v9iEspecial.35362

Resumo

O presente artigo propõe um exercício voltado a termos específicos que, para serem aplicados, demandam entendimento coletivo de determinados conceitos e processos. Propõe pensar a musealização no contexto de uma universidade pública federal, localizada na capital do Brasil, e que deve estar voltada ao desenvolvimento social. Para tanto, é importante entender a preservação no seu sentido mais amplo: tornar acessível, podendo ser transformado, sem se descaracterizar. Foi realizada pesquisa qualitativa descritiva analítica baseada em revisão de literatura e pesquisa documental. A proposta de estudo a partir da musealização da ou na UnB, incluindo o seu projeto histórico de criação é direcionada para um entendimento ampliado de musealização, que é um processo, conceito ou cadeia operatória que mobiliza ressignificações e deve ser realizado coletivamente bem como estar direcionado às questões sociais da Instituição e seu entorno, que cabe, na Universidade, à extensão ser um dos principais agentes de mobilização.

Palavras-chave

Museologia. Musealização. Universidade de Brasília. Desenvolvimento social. Extensão.

Abstract

This article proposes an exercise focused on specific issues that, in order to be applied, require a collective understanding of specific concepts and processes. It aims at thinking musealization in the context of a federal public university, located in the capital of Brazil, Brasília, which should focus on social development. Therefore, it is important to understand preservation in its broadest sense: making it accessible, being able to be transformed, without losing its characteristics. A qualitative, descriptive analytical research was carried out, based on literature review and documentary research. The study proposal based on the musealization of or at UnB, includes its historical creation project, is directed towards an expanded understanding of musealization. This is a process, concept or operational chain that mobilizes resignifications and which must be carried out collectively as well as being directed to the social issues of the Institution and its surroundings. At UnB this means that extension is one of the main agents of mobilization.

Keywords

Museology. Musealization. University of Brasília. Social development. Extension.

Introdução

Hélio Oiticica², ao afirmar que “museu é o mundo, é a experiência cotidiana”, propõe o entendimento de que a manifestação artística poderia fazer parte do cotidiano, não sendo restrito a determinados espaços (BRAGA *et al.*, 2012). A partir de tal perspectiva, o presente artigo propõe o exercício de pensar o processo de musealização nos e para além dos espaços museais. Desse modo, a partir de estudos sobre a constituição da UnB, nos perguntamos: como

¹ Professora Adjunta do Curso de Museologia da Universidade de Brasília. <https://orcid.org/0000-0001-9627-6957>

² Artista performático, escultor e pintor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro (1937-1980). Suas obras caracterizam-se “por um forte experimentalismo e pela inventividade na busca constante por fundir arte e vida. Seus experimentos, que pressupõem uma ativa participação do público, são, em grande parte, acompanhados de elaborações teóricas, com a presença de textos, comentários e poemas.” (ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>. Acesso em: 20 out.2020).

poderia ser estabelecida a relação entre musealização e a Universidade de Brasília (UnB), universidade pública federal, localizada na capital do Brasil? Teria a UnB um potencial museal e/ou de musealização?

Inicialmente, podemos afirmar que a Universidade de Brasília³, instituição baseada na relação ensino-pesquisa-extensão, também está voltada ao desenvolvimento social. A história da UnB é importante, pois inclui conhecer a produção científica, tecnológica, cultural e artística da instituição, incluindo conhecer e estabelecer dinâmicas com a comunidade universitária e o seu entorno.

A musealização de bens e espaços, especialmente em instituição subordinadas à administração pública, deve resultar de reflexões coletivas, podendo compreender os bens culturais móveis, imóveis, materiais, imateriais e/ou digitais. Para tanto, devemos realizar ações como: identificação, inventários, seleção, pesquisa, conservação, comunicação além das ações educativas em tal processo. Nesse contexto, o entendimento de preservação utilizado compreende o sentido mais amplo do termo, pois preservar é, também, tornar acessível, podendo ocorrer a transformação, sem a necessidade de descaracterização do bem preservado. A musealização pode ser compreendida como um conceito, processo e/ou cadeia operatória que demanda mobilização coletiva, pois deve ser feita na esfera do coletivo, mobilizando agentes, comunidades. Na UnB, a mobilização incluiria estudantes, técnicos administrativos, docentes, pesquisadores e demais membros da comunidade universitária, o que requer igualmente conhecer a diversidade cultural existente na instituição e entorno.

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o gênero humano como a diversidade biológica o é para a natureza. Neste sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. (UNESCO, 2002)

Nesse sentido, a partir de estudos feitos sobre musealização, Universidade de Brasília e extensão universitária, identificou-se diferentes perspectivas para como compreender a relação entre musealização e Universidade de Brasília (UnB). Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa e estudo teórico-conceitual. A pesquisa⁴ é exploratória, descritiva e de natureza aplicada, baseada na instituição selecionada. Foi realizada pesquisa bibliográfica, além de documental, a partir de registros disponíveis no Arquivo Central da UnB, no Arquivo Público do Distrito Federal, no Arquivo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁵, sendo esse último usado como fonte para obter informações sobre Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira.

O recorte aqui proposto utilizou documentos que permitiram conhecer um pouco do histórico da criação da Universidade de Brasília, com o intuito de divulgar documentos e publicações que proporcionassem um olhar, mesmo

3 A missão da UnB é: “Ser uma universidade inovadora e inclusiva, comprometida com as finalidades essenciais de ensino, pesquisa e extensão, integradas para a formação de cidadãos e cidadãs éticos e qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para questões nacionais e internacionais, por meio de atuação de excelência” (UnB. Missão. Disponível em: <https://www.unb.br/a-unb/missao>. Acesso em: 20 out. 2020).

4 Muitas das referências aqui utilizadas são consideradas básicas, quando tratamos quando história da UnB.

5 A pesquisa baseou-se nos documentos disponíveis na base on-line do Inep.

A UnB é um museu?
Pensando possibilidades de musealização

que inicial, sobre o projeto da nova universidade, construída a partir de preceitos defendidos por um grupo de intelectuais. Enquanto uma pesquisa ainda em desenvolvimento, as próximas etapas compreenderão entrevistas, aplicação de questionários, e pesquisa documental e bibliográfica existente em setores de acervos museológicos da referida universidade⁶.

Universidade de Brasília e Musealização

Na deliberação de trasladar a Capital da República para o Planalto Central, estava já implícito este ato de criação da Universidade de Brasília, órgão complementar indispensável para dar sentido espiritual e assegurar a autonomia cultural ao conjunto de instituições que compõem a cidade-capital. Não se tratava apenas de acrescentar uma universidade mais às que já temos e nos esforçamos por ampliar e aprimorar. O que esperamos da Universidade de Brasília e lhe indicamos como missão fundamental é que contribua para a integração nacional através da ampliação das oportunidades de educação asseguradas à juventude. É que enriqueça as modalidades de formação superior ministradas no país, contribuindo decisivamente para o preparo dos cientistas e dos técnicos, capazes de empreenderem a exploração racional do imenso patrimônio de recursos de que somos herdeiros, para colocá-los ao serviço do desenvolvimento nacional. E é, sobretudo, que constitua o centro cultural de Brasília, dotado da necessária criatividade para que essa cidade seja capaz de imprimir aos empreendimentos nacionais que aqui se conceberão o mesmo espírito inovador e o mesmo padrão de excelência que presidiram ao seu planejamento [Palavras do Presidente do Brasil, João Goulart, ao sancionar a Lei n.º 3998, de 15 de dezembro de 1961, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília, BRASIL, 1961].

A proposta de pensar a Universidade de Brasília (UnB)⁷ como uma instituição passível de musealização ou musealizada, na realidade, é um exercício que inclui conhecer a história da criação da UnB⁸, incluindo o projeto de criação da instituição, as transformações ocorridas, o histórico dos seus prédios e coleções⁹ e, igualmente, conhecer a comunidade universitária. Conhecer a motivação que levou um grupo de intelectuais a criar, especialmente no final da década de 1950 e início dos anos 60, uma instituição de ensino superior que tinha como pretensão, conforme afirmado por um de seus idealizadores, Darcy Ribeiro, ser o “projeto mais ambicioso da intelectualidade brasileira” e que, “de 1959 a 1961, a criação da UnB foi a questão cultural mais séria, mais desafiante e mais empolgante” (RIBEIRO, 1978:15): a universidade na nova capital do país,

6 As próximas coletas de dados serão realizadas no âmbito do Projeto de extensão UnBVirtual.

7 Ressalta-se a importância de coletar, organizar e divulgar a história ou as histórias da Universidade de Brasília, seja através do Arquivo Central da UnB ou com a criação de um museu da universidade, ou ‘MUSEUM’ proposto no Plano Diretor da UnB de 1962, ou fortalecendo os espaços que detêm coleções e, qual sabe, a criação da Rede ou Sistema de Museus e de coleções de Relevância Pública da UnB. Tais possibilidades abririam espaço para a participação da instituição em projetos como o “MoWBrasil”, Programa Memória do Mundo da Unesco, que tem por finalidade “assegurar a preservação das coleções documentais de importância mundial, por meio de seu registro na lista do patrimônio documental da humanidade, democratizar o seu acesso e criar a consciência sobre a sua importância e a necessidade de preservá-lo” (MoWBrasil. Disponível em: <http://mow.arquivonacional.gov.br/index.php/acervos-brasileiros/registro-nacional.html>).

8 Alguns nomes: Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Frei Matheus Rocha. Colaboração de Oscar Niemeyer e Lucio Costa.

9 As coleções podem ser de: Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som; Virtual; Biblioteconômico; Documental; Arquivístico; Outras.

Brasília¹⁰. Contudo, apresentar a história da UnB requer lembrar dos momentos de liberdade e de repressão¹¹ que a instituição atravessou, incluído os desvios ocorridos em seu projeto inicial.

Talvez seja interessante usar a palavra ‘história’ ou ‘histórias’, no plural, da instituição, baseadas na combinação entre experiências individuais e coletivas de estudantes, técnicos administrativos, docentes e demais integrantes da comunidade acadêmica, pesquisadores e visitantes, além dos documentos e resultados de pesquisas preservadas em espaços como museus, salas de exposição, laboratórios, arquivo e bibliotecas que constituem e dão forma a instituição que nasceu a partir da colaboração e atuação de intelectuais como Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Oscar Niemeyer dentre tanto outros. Conforme afirmou o próprio Darcy: “muita gente mais pôs o ombro no andor” (RIBEIRO, 1978: *passim*).

Figura 1 - Marco Zero e Esplanada dos Ministérios em 30/09/1958.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Um pouco antes de 1962, ainda em 21 de abril de 1960, dia da inauguração de Brasília, “Juscelino Kubitschek, impulsionado por Cyro dos Anjos, enviou para o Congresso Nacional a mensagem propondo a criação da Universidade de Brasília”. Darcy Ribeiro, por sua vez, “passou a acompanhar, cotidianamente, o longo e exaustivo trabalho nas Comissões da Câmara dos Deputados e, depois, no Senado Federal, administrando conflitos de interesses, buscando novos apoios, enfraquecendo a oposição, até ver o projeto de lei”, com a “colaboração em sua redação de San Tiago Dantas – ser aprovado numa situação absolutamente excepcional da qual Darcy soube se beneficiar em prol do nascimento da UnB” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017: 593).

A proposta de criação da Universidade de Brasília foi pensada, um pouco antes, enquanto parte integrante do “Plano de Construções escolares de Brasília” e publicada na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, em 1961.

¹⁰ Brasília foi fundada em 21 de abril de 1960.

¹¹ É importante citar o filme “Barra 68 - sem perder a ternura” de Vladimir Carvalho, de 2001.

A UnB é um museu?

Pensando possibilidades de musealização

[...] III - Educação Superior

Universidade de Brasília, a ser construída, em área própria, compreendendo:

1. Institutos (de Matemática, Física, Biologia, Geologia, Artes, etc.), destinados ao ensino científico básico e especializado.
2. Faculdades (de Educação, Politécnica, Ciências Médicas, Direito, etc.) destinadas à formação intelectual e ao adestramento profissional.
3. Reitoria, Sala Magna e Biblioteca Central.
4. Campos de recreação e desportos (estádio, ginásio, piscina, etc.).
5. Serviços administrativos e gerais.

Em todo esse programa, cumpre distinguir a educação comum e obrigatória, destinada a todos, e a educação especial destinada a formar os diversos quadros ocupacionais do país. Quanto à educação para todos, isto é, a elementar, o seu característico, no programa proposto, é o de juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a auto-educação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto, a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudos e as de trabalho, de arte e de convivência social. No centro de educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da “escola-classe”, onde aprende a “estudar”, conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver.

Pode-se bem compreender que modificações deverão ser introduzidas na arquitetura escolar para atender a programa dessa natureza. Já não se trata de escolas e salas de aula, mas de todo um conjunto de locais, em que as crianças se distribuem, entregues às atividades de “estudo”, de “trabalho”, de “recreação”, de “reunião”, de “administração”, de “decisão” e de vida e convívio no mais amplo sentido desse termo. A arquitetura escolar deve assim combinar aspectos da “escola tradicional” com os da “oficina”, do “clube” de esportes e de recreio, da “casa”, do “comércio”, do “restaurante”, do “teatro”, compreendendo, talvez, o programa mais complexo e mais diversificado de todas as arquiteturas especiais. As notas que se seguem mostram como foram abordadas por um arquiteto as novas necessidades e funções da ambiciosa escola moderna [...] (TEIXEIRA, 1961. Grifo nosso)¹².

Além da educação superior, o “Plano de Construções escolares de Brasília” incluía Educação primária, Educação média ou secundária.

É importante lembrar que a UnB compõe a cidade de Brasília¹³ que constitui, por sua vez, a lista de bens do Patrimônio Mundial da UNESCO¹⁴ desde 7 de dezembro de 1987, como a cidade que tem a maior área tombada no mundo: 112,25 km² compostos de edifícios, monumentos e sítios.

Os idealizadores da Universidade, sobretudo Darcy Ribeiro, tinham o projeto como povo, sendo a universidade quem deveria servi-lo (RIBEIRO, 1978). Um dos fundadores da UnB, o antropólogo Darcy Ribeiro foi também o “demiurgo de museus, escolas e universidade” (CHAGAS *et al.*, 2018, p. 78). Foi idealizador no Museu do Índio, criado na década de 1950, atuando, igualmente, no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE¹⁵), juntamente com Anísio Teixeira, dentre outros intelectuais da época.

12 Biblioteca Anísio Teixeira. Disponível em: < <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html> >.

13 A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultural (UNESCO) criou a Convenção do Patrimônio Mundial, em 1972. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil> e https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369_por. Acesso em: 24 nov. 2020.

14 UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

15 Alguns documentos podem ser acessados na base on-line do Arquivo Institucional do INEP, disponível em: <http://arquivohistorico.inep.gov.br/index.php/cbpe>.

O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), criado em 1955 no governo de Juscelino Kubitschek, ligava-se ao Inep, presidido por Anísio Teixeira e pertencia ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). Anísio convidou Darcy Ribeiro para assumir a direção científica do CBPE, o qual constituiu imediatamente uma equipe interna interdisciplinar, além de uma rede de colaboradores externos para um triplo programa de estudos e pesquisas a contemplar: a) pesquisas de campo em municípios, zonas urbana e rural, representativas da diversidade brasileira; b) pesquisa bibliográfica e interdisciplinar de sistematização dos estudos e teses acerca da formação brasileira; c) pesquisas sociológicas sobre os processos de industrialização e urbanização (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017: 586).

Na época, atuou na campanha nacional em defesa da escola pública, tema estimulado pela discussão da Lei de diretrizes e Bases da Educação que tramitava no Congresso (RIBEIRO, 1978).

Devido à experiência de Darcy e Anísio, coube a Darcy Ribeiro a coordenação do planejamento e direção da implantação da UnB, enquanto o “Pai fundador” seria Anísio Teixeira, que contribuiu para a concretização do projeto. Esse, porém, defendia que a UnB deveria funcionar como um “instituto de formação pós-graduação, destinado a preparar o magistério superior do país” (Ibidem :18).

Para Darcy Ribeiro, a “UnB nasce sem molde anterior em que se inspirar”. Seria uma nova proposta de universidade. Nas construções inicialmente desenvolvidas, segundo Darcy, “Lúcio Costa¹⁶ previa no Plano urbanístico do campus da UnB oito áreas para os Institutos Centrais, cada uma delas contando com edifícios especializados para anfiteatros, bibliotecas, etc. No total, somaria mais de quarenta edifícios”. Oscar Niemeyer teria, então, “resumido isso num edifício só, composto por seis modalidades de construção, que permitiriam acomodar num conjunto qualquer programa de utilização”. Ao realizar tal proposta, teria Niemeyer renovado “a arquitetura das universidades, dando um passo decisivo, no sentido do que viriam a ser, depois, as universidades que ele desenhou pelo mundo” (RIBEIRO, 1978: *passim*).

Figura 2 - O Presidente João Goulart sanciona a Lei de Criação da FUB/UnB. Demais políticos e convidados no gabinete acompanham. ANHAM (1961).



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/image-00106>. Acesso em: 24 nov. 2020.

16 Arquiteto e Urbanista francês (1902-1998).

A UnB é um museu?
Pensando possibilidades de musealização

Figura 3 - Inauguração da Universidade de Brasília. Autoridades sentadas na primeira fila da plateia (1962).



“Em pé, Darcy Ribeiro e George Landau, seu secretário, conversam com os presentes. Em pé: Darcy Ribeiro (reitor em pé), George Landau (secretário do reitor em pé atrás do reitor). 1* Ssette Camara (prefeito de Brasília). 2*d. Jose Newton de Almeida Batista (arcebispo de Brasília). 3* Ciro dos Anjos (diretor do instituto de Letras). 5* Pompeu de Sousa. General Greenhalg Faria Braga (ao lado do ministro). Ddr. Godinho (diretor administrativo da Fub), em pé com cigarro na mão” (Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00100-12>. Acesso em: 24 nov. 2020).

Devido a importância da nova capital e da nova universidade, algumas personalidades também visitaram a Universidade de Brasília em diferentes momentos.

Figura 4 - Visita - Aula Magna. Darcy Ribeiro (Senador), Oscar Niemeyer Pompeu de Sousa (Professor) e outros observando painel: Desenho de uma pomba e escrito "Paz" em vários idiomas construção. (1985)



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00057>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Como citado acima, Oscar Niemeyer foi o autor de algumas edificações localizadas na universidade como Protótipo (1962), edifício do Instituto de Artes, edifício do Departamento de música, auditório de música, Centro de Planejamento Oscar Niemeyer, todos projetados em 1962 e construídos em 1963, e do Instituto central de Ciências (ICC), projetado e construído em 1963, sendo que, nos quatro últimos, contou com a colaboração de João Filgueiras Lima, o Lelé. Outros prédios também tiveram Niemeyer como autor como o Prédio da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Aqui, ressalta-se o ‘Protótipo’ de unidade pré-fabricada desenvolvido para pesquisar soluções para habitação estudantil, localizado próximo ao ICC Sul (SCHLEE, 2014).

Figura 5 - Protótipo estudantes feito por Oscar Niemayer (construído em 1962), para pesquisar problemas de habitação.



Protótipo de unidade pré-fabricada criado por Oscar Niemeyer com o “objetivo de pesquisar soluções possíveis para o problema de habitação para estudantes” (SCHLEE, 2014, p. 2014), construído em 1962: “Construção retangular de cor branca, a parte que está de frente para a foto contém uma espécie de janela. Tal construção aloja atualmente uma sapataria e barbearia. Nesta foto a construção já está acabada.” Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00037-20>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Especialmente Darcy, ao abordar o projeto da UnB, “expõe sua proposta e aposta na Universidade, locus do intelectual público, de importância fundamental no processo histórico-evolutivo de uma sociedade”. A universidade seria “na medida em que é a sede, por excelência, de produção e difusão do conhecimento científico, a base do desenvolvimento tecnológico de uma nação” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017:596).

Para Darcy, a “ciência, tecnologia, desenvolvimento e autonomia são variáveis intimamente correlacionadas” (RIBEIRO, 1975: 14). Para ele, “estudantes possuem expectativas diferentes em face da universidade [...], as quais podem mudar ou se consolidar ao longo dos anos” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017:596).

O papel da universidade, para Darcy, indissocia-se da criação de uma consciência crítica. A universidade é uma instituição social fundamental, preta de ideologias e interesses, portanto, politizada, com a missão de nortear o desenvolvimento autônomo de sua nação. O postulado do saber científico neutro é recusado por Darcy que, não ingenuamente, sabe que a despolitização da universidade é nitidamente sua submissão aos interesses e à lógica dominante de distribuição de poder numa sociedade que não rompe com sua condição de atraso e de subdesenvolvimento. A transformação da

A UnB é um museu?
Pensando possibilidades de musealização

Figura 6 - Visita do professor Paulo Freire à UnB no primeiro semestre de 1985



“Visita do professor Paulo Freire à UnB no primeiro semestre de 1985. Aglomerado de pessoas caminha pelo Prédio da Reitoria. Em 1º plano, dois homens de terno e gravata. Ao fundo, aparece parte de uma das rampas da reitoria. Temo na fotografia: 1º - Professor Paulo Freire; 2º - Reitor Luís Otávio Carmo”.
Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00472-02>. Acesso em: 24 nov. 2020.

sociedade exige a política – em seu sentido digno. A universidade tem, pois, um papel político: poder fazer (MIGLIEVICH-RIBEIRO e MATIAS, 2006: 202).

Por sua vez, entendia-se o “papel da universidade pública na integração da vida social, política e cultural brasileira voltada à construção de um diálogo internacional permanente, especialmente com as demais nações latino-americanas” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017: 596).

Para além do histórico da criação, o período ditatorial brasileiro deve ser lembrado, especialmente pelo clima de medo, silenciamentos, prisões, desaparecimentos e demissões ocorridas, período oposto ao que se vislumbrou no projeto original da universidade. Um momento marcante ocorreu em 1964, ano em que ocorreu

uma minuciosa batida e revistamento das secretarias da reitoria dos demais departamentos, em particular da Biblioteca Central, cujo prédio, inclusive os gabinetes dos professores do Instituto Central de Ciências Humanas, sediado no primeiro andar, foi interditado por dezesseis dias. Com as tropas, vinha uma lista de professores a serem aprisionados. Doze desses professores, puderam ser encontrados, seja no campus, seja em suas residências, onde foram chamados pela reitoria e pelos colegas que julgaram melhor que seria os mesmos se apresentarem, já que nada tinham a ocultar e, assim, poderiam facilmente desfazer equívocos. Nossa surpresa foi, porém, que muitos deles ficaram presos no quartel do batalhão da Guarda Presidencial de treze a dezoito dias (MACHADO NETO, 1969: 251).

Figura 7- Manifestação estudantil - Repressão militar. Policiais reprimem manifestação apreendendo faixas de protesto (1982)



“O Projeto Memória do Movimento Estudantil foi uma iniciativa de um grupo de estudantes e professores de centros acadêmicos da UnB (História, Geografia, Ciência da Computação, Desenho, Matemática, Engenharia Mecânica e Processamento de Dados) que, além de atuar na luta pela redemocratização, desenvolveu um inédito trabalho de organização e manutenção de documentos do período militar. O projeto iniciou-se na década de 1980, porém a sua data de existência refere-se à data de acumulação de documentos do PROMEMEU. Esta coleção contém atas de reuniões, cartazes, panfletos, papéis administrativos e uma série de outros registros do regime de exceção”.

Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00003-18>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Dentre tantas histórias, outras mais devem ser igualmente consideradas e divulgadas, juntamente com as memórias da comunidade universitária e entorno, além dos projetos, programas, produções, pesquisas, eventos, exposições, seja no âmbito do ensino, da pesquisa e/ou da extensão; mesmo sabendo que, com o passar do tempo, ocorreram transformações diversas em seu projeto inicial¹⁷.

Contudo, pensar a UnB é buscar identificar qual caminho podemos construir para o futuro universitário brasileiro.

17 Atualmente, a UnB possui 2.445 professores, 2.630 técnicos-administrativos e 28.570 alunos regulares e 6.304 de pós-graduação. É constituída por 26 institutos e faculdades e 21 centros de pesquisa especializados. Oferece 109 cursos de graduação, sendo 31 noturnos e 10 a distância. Oferece ainda 147 cursos de pós-graduação stricto sensu e 22 especializações lato sensu. Os cursos estão divididos em quatro campi espalhados pelo Distrito Federal: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Planaltina, Ceilândia e Gama. Os órgãos de apoio incluem o Hospital Universitário, a Biblioteca Central, o Hospital Veterinário e a Fazenda Água Limpa. (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Acervo fotográfico, 1960-2016).

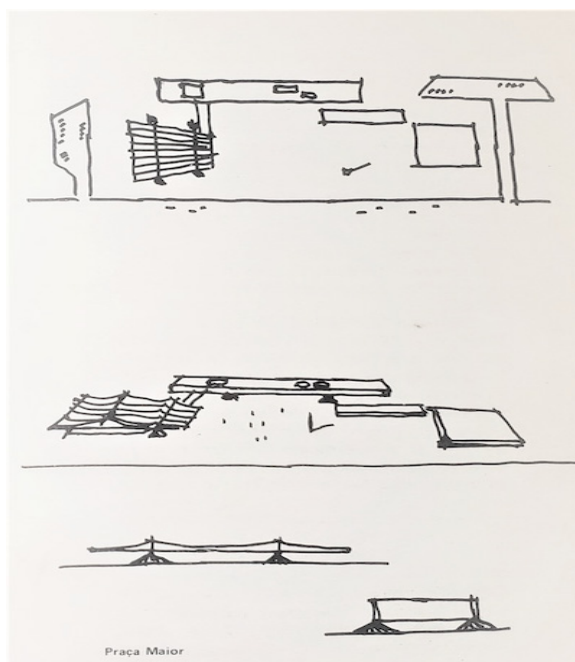
A UnB é um museu?
Pensando possibilidades de musealização

Figura 8 - Aula Magna - Visita. Darcy Ribeiro (Senador) almoçando no restaurante universitário (1985)



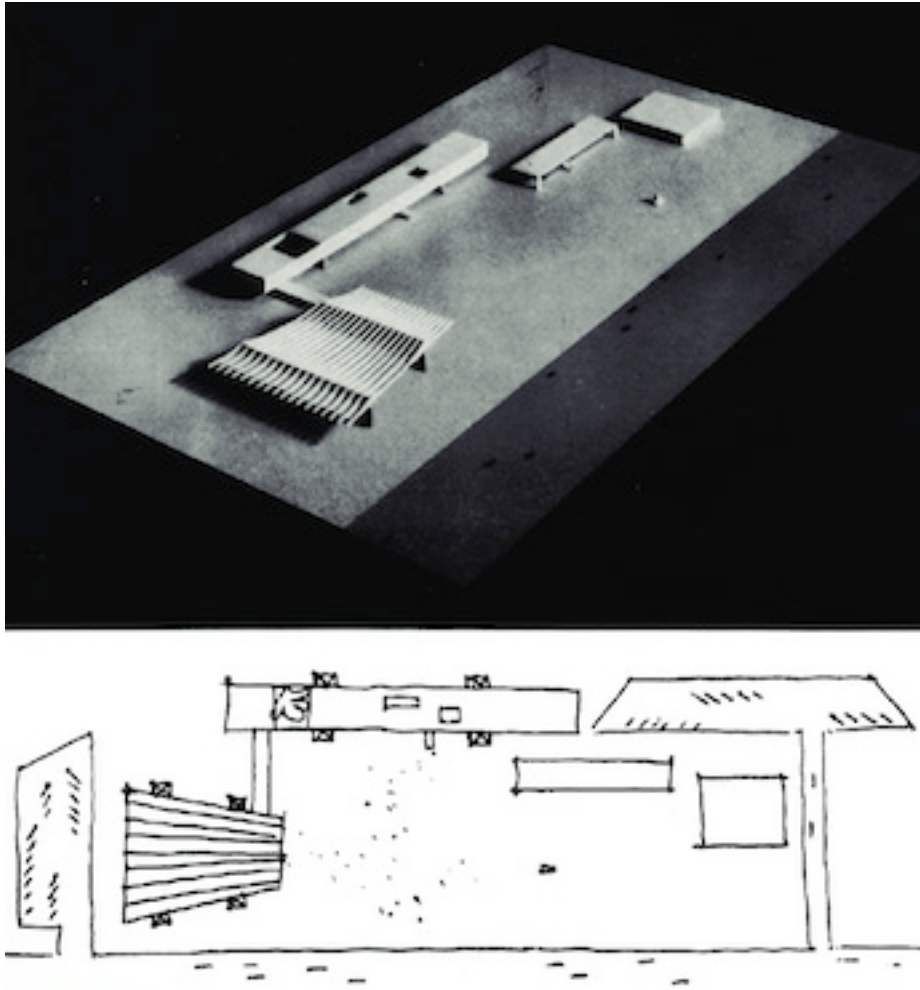
Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00057-08>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Figura 9 - Praça Maior da Universidade de Brasília



Fonte: RIBEIRO (1978: 39).

Figura 10 - Praça Maior da Universidade de Brasília, Estudo Preliminar [Edifício do Museu à esquerda, acima] [1962]. Oscar Niemeyer,Arquitetura



Fonte: Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-7-Praca-Maior-da-Universidade-de-Brasilia-Estudo-Preliminar-Edificio-do-Museu-a_fig34_313707778. Acesso em: 24 nov. 2020.

Voltando um pouco no tempo, lembremos, no âmbito do pensamento da musealização e dos museus, da proposta ‘MUSEUM’ existente no Plano Diretor da UnB, de 1962. O ‘MUSEUM’ constituiria um dos “Órgãos Complementares”, o qual compreendia:

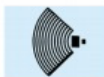
o Museu de Ciência, o Instituto de Artes e o Museu da Civilização Brasileira. Este último com o objetivo de vincular Brasília às nossas tradições históricas e artísticas e dar, aos moradores da nova capital e aos visitantes que o procurarem, uma visão do nosso esforço secular para criar uma civilização. (FUB. 1962:31).

A UnB é um museu?
Pensando possibilidades de musealização

Figura 11 - Plano Diretor da UnB. Órgãos complementares 1962

Órgãos Complementares

A Universidade de Brasília deverá manter, também, um corpo de **ÓRGÃOS COMPLEMENTARES** destinados a funcionar supletivamente como centros de extensão para a cidade e para o país. Tais serão:



A **AULA MAGNA**, grande auditório montado para atender às necessidades da Universidade e da Capital Federal, dotado dos recursos audio-visuais que possibilitem a realização de reuniões e congressos internacionais. A construção desta unidade deverá ser encetada prontamente, porque Brasília servirá de sede à Assembleia Geral da Unesco em 1964 e precisará contar, então, com um auditório com capacidade para acolher as representações de mais de 90 países para uma reunião em que serão faladas simultaneamente cinco línguas. Contando com a Aula Magna e com os recursos de hospedagem que a Universidade poderá proporcionar nos períodos de férias, Brasília fará-se-á um dos principais centros latino-americanos de conferências internacionais.



A **BIBLIOTECA CENTRAL**, que coordenará uma unidade principal com obras gerais e de referência, serviços de documentação e intercâmbio científico e cultural e dezesseis bibliotecas especializadas, sediadas nos Institutos Centrais e nos conjuntos de Faculdades afins. O acervo básico destas bibliotecas deverá montar a um milhão de obras, representando um dos principais investimentos da Fundação e aquele para cuja constituição mais se necessitará apelar para a ajuda de instituições estrangeiras e internacionais. Na Biblioteca Central funcionará a Faculdade de Biblioteconomia, montada para receber alunos bacharelados pelos Institutos Centrais e especializá-los na biblioteconomia e documentação nos respectivos campos de especialidade.



A **RÁDIO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**, que terá como programa básico a difusão cultural e artística, através de emissoras de ondas médias e curtas. Deverá, contudo, especializar-se em cursos por correspondência e rádio-difusão para aperfeiçoamento do magistério de nível médio. A relevância desta tarefa é evidente, em face do crescimento das matrículas nesse nível de ensino, que ascenderam de 60 mil alunos em 1933, para mais de um milhão, atualmente. Esse extraordinário incremento foi acompanhado da inevitável improvisação do professorado.

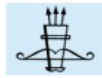
A **TELEVISÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**, que se destina a traduzir para o português as principais obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade, que ainda não são acessíveis em nossa língua e, sobretudo, fazer elaborar e editar textos básicos para o ensino em nível superior, além de editar a produção científica e literária da própria Universidade. Somos, hoje, um dos maiores importadores de livros técnicos da Espanha, do México e da Argentina. Vale dizer que os alunos de nossas universidades estão estudando em espanhol. A exemplo do que fizeram todos os países modernos, impõe-se editar em português a bibliografia básica para a formação profissional comum, em nível universitário.



A **EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**, que se destina a traduzir para o português as principais obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade, que ainda não são acessíveis em nossa língua e, sobretudo, fazer elaborar e editar textos básicos para o ensino em nível superior, além de editar a produção científica e literária da própria Universidade. Somos, hoje, um dos maiores importadores de livros técnicos da Espanha, do México e da Argentina. Vale dizer que os alunos de nossas universidades estão estudando em espanhol. A exemplo do que fizeram todos os países modernos, impõe-se editar em português a bibliografia básica para a formação profissional comum, em nível universitário.



O **MUSEUM**, que compreenderá o Museu da Ciência, o Instituto de Artes e o Museu da Civilização Brasileira. Este último com o objetivo de vincular Brasília às nossas tradições históricas e artísticas e dar, aos moradores da nova capital e aos visitantes que a procurarem, uma visão do nosso esforço secular para criar uma civilização.



As **CASAS DA CULTURA** para o ensino de línguas e o estudo da literatura e da tradição cultural das nações a que estamos mais vinculados e que se dispõem a manter, junto à Universidade de Brasília, um centro de difusão cultural.



Dentre os Órgãos Complementares contam-se, ainda, o **CENTRO EDUCACIONAL** — com escolas primária e média de demonstração para os alunos da Faculdade de Educação, — o **CENTRO RECREATIVO E CULTURAL** e o **ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO**.

Estão previstos, também, **Serviços Auxiliares**, como o **CENTRO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA E DENTÁRIA**, a **CASA INTERNACIONAL**, destinada a abrigar estudantes estrangeiros, principalmente latino-americanos e africanos, aos quais deverá ser reservada certa porcentagem de matrículas, e o **setor de habitações** de estudantes e professores, além dos diversos serviços públicos indispensáveis a uma cidade universitária.

Fonte: UnB (1962: 31).

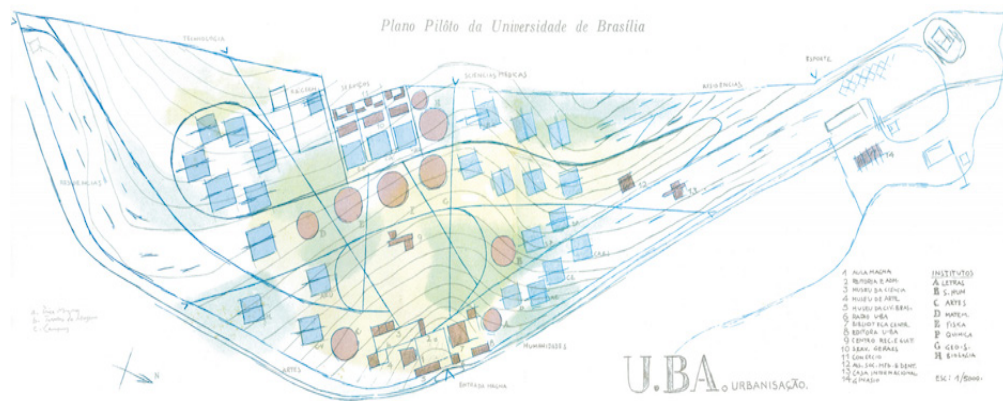
O Corpo de Órgãos Complementares incluiria auditório, biblioteca, televisão, editora, casas da cultura, centro educacional, centro recreativo e cultural, estádio universitário, além de serviços auxiliares (centro de assistência médica e dentária, casa internacional). Ressaltemos, também, as “Casas da Cultura”, voltadas para o “ensino de linguagens e o estudo da literatura e da tradição cultural das nações e manter, junto à Universidade de Brasília, um Centro de difusão cultural” (UnB, 1962: 31).

Na imagem a seguir, no Plano Piloto da Universidade de Brasília, é possível ver a proposta de três museus: Museu da Ciência, Museu de arte, Museu da Civilização Brasileira.

Lembremos que, ainda na década de 1960, o primeiro projeto pedagógico para o Curso de Museologia¹⁸ da UnB foi criado pela museóloga Lygia Martins Costa em 1964. Contudo, devido ao período ditatorial, o projeto não pode ser implantado naquele momento.

¹⁸ UnB. 10 anos do Curso de Museologia da UnB. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=hcnrNDRHIC0&list=PLUukPwot-tfN2z8_NSSQsYEFJUb3pnetY>. Acessado em: 20 fev.2019.

Figura 12 – Plano Piloto da Universidade de Brasília



Fonte: UnB (1962: 22).

Analisando a proposta MUSEUM, podemos perceber uma ideia inicial de estrutura baseada em três instituições, algo similar à uma pequena rede. Por sua vez, a “imaginação museal”, definida por Chagas (2005) – a partir de estudos sobre personalidades como Darcy Ribeiro, Gilberto Freire e Gustavo Barroso – também pode ser percebida no processo de criação da universidade, especialmente em Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. A imaginação museal seria a possibilidade de identificar a poética das coisas e, a partir de tal poética, pensar processos, promover movimentos, sentimentos. Tal expressão foi apresentada pelo autor a partir da análise da

capacidade singular e efetiva de determinados sujeitos articularem no espaço (tridimensional) a narrativa poética das coisas. Essa capacidade imaginativa não implica a eliminação da dimensão política dos museus, mas, ao contrário, pode servir para iluminá-la [onde] O exame da imaginação museal [...] indica, por exemplo, que criar e organizar museus não significa simplesmente arrumar coisas concretas num espaço tridimensional, mas investir as coisas de sentimentos, pensamentos, sensações e intuições e colocar em movimento, por seu intermédio, um processo de comunicação que depois de acionado não se pode mais controlar inteiramente (CHAGAS, 2005: passim).

A partir desta breve reflexão, percebemos a importância em conhecer a Universidade de Brasília, conhecer o objetivo pretendido inicialmente, o processo construtivo, sua relevância na cidade de Brasília e a importância da internacionalização de sua produção, além da poética, dos sentimentos, e a importância da defesa da diversidade na Instituição. Inicialmente, é importante entender o que a instituição foi e é. Tais aspectos são fundamentais para compreender as possibilidades de musealização, ressignificação das relações, para além do ensino, pesquisa e extensão, abarcando memórias, experiências com e na UnB, em uma perspectiva que deve ser coletiva. Para tanto, pensemos as diferentes formas de entender a musealização.

A musealização, na área de Museologia, tem diferentes entendimentos e possibilidades de aplicação. Em seu sentido comum, a musealização seria um processo ou cadeia operatória ou a ressignificação de um bem cultural, no âmbito de instituições museais ou museus. Usualmente, a musealização “designa o tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um centro de vida, que pode ser um centro de atividade humana ou um sítio natural, em

A UnB é um museu?

Pensando possibilidades de musealização

algum tipo de museu”. Por sua vez, a expressão “patrimonialização” se refere ao âmbito da “ideia de preservação de um objeto ou de um lugar, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico”. A musealização pode ser também entendida como a “operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal”, transformando-se em *museum* ou *musealia*, ou seja, em um ‘objeto de museu’ que se integre no campo museal”.

Por meio da mudança de contexto e do processo de seleção, de “thesaurização” e de apresentação, opera-se uma mudança do estatuto do objeto. Seja este um objeto de culto, um objeto utilitário ou de deleite, animal ou vegetal, ou mesmo algo que não seja claramente concebido como objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica (DESVALLÉS e MAIRESSE, 2013: 56).

Por sua vez, ao tratar dos documentos, Stránský entende serem

Esses objetos como objetos de museu potenciais /‘museálie’/ são, do ponto de vista ontológico, idênticos ao objeto em geral mas no nível do sentido desempenham funções novas, a de testemunhos autênticos, documentos [...] de fatos naturais ou sociais. (STRÁNSKÝ, 1985: 107 apud LOUREIRO, 2019: 19)

Sabemos que o museu é o conceito fundador da Museologia, contudo, novas perspectivas vêm sendo analisadas. Por exemplo, para o autor tcheco Zbyněk Stránský, em 1995, o “processo de musealização não consiste meramente na transferência de um objeto para os limites físicos de um museu”. Para Stránský, um “objeto de museu não é somente um objeto em um museu” (DESVALLÉS e MAIRESSE, 2013:56). Pensar a musealização requer saber que, num processo, cadeia operatória, cadeia museológica, processo científico, a possibilidade da musealização se dá para além de um espaço institucionalizado “Museu” ou “Instituição musal” ou “Instituição museológica”. Stránský amplia o entendimento de tal conceito que tem como finalidade a musealidade ou, conforme citado por Brulon (2017), o pesquisador Tcheco Zbyněk Zbyslav Stránský entendia a musealização como sendo “responsável por deslocar o objeto da Museologia do museu, como instituição historicamente fundada, para a musealidade - entendida como um ‘valor documental específico’ ” (BRULON, 2017: 410, grifo do autor). A musealidade seria

uma relação específica entre homem e realidade [...], motivada pelo esforço para proteger contra as mudanças naturais e a ruína os objetos da realidade natural e social que podem representar de forma ideal valores cuja aplicação e conservação sejam de interesse para o enriquecimento e desenvolvimento da cultura e da sociedade como um todo (STRÁNSKÝ, 1985: 107 apud LOUREIRO, 2019: 19).

Para Stránský¹⁹, o foco é retirado da instituição museu, o que redireciona o entendimento de musealidade para além de tal espaço.

No âmbito normativo, por sua vez, definições de musealização podem ser encontradas em resoluções, leis e decretos, objetivando definir diretrizes, orientações sobre procedimentos que podem ser realizados no âmbito dos

¹⁹ Pesquisador do Leste Europeu, tcheco, que publicou seus estudos no âmbito do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (ICOM), especialmente entre a década de 1960 e início dos anos 2000.

museus. Na Lei 11.904, de janeiro de 2009²⁰, por exemplo, conhecida como Estatuto de Museus, o entendimento legal de ‘Bens culturais passíveis de Musealização’ inclui bens móveis ou imóveis, materiais e imateriais, entendimento que, em 17 outubro de 2013, com a publicação do Decreto 8.124, foi regulamentado, assim como o entendimento legal de bens culturais, bens culturais musealizados, coleções visitáveis, museu e processo museológico. No artigo 2º, do referido Decreto,

I - **bens culturais** - todos os bens culturais e naturais que se transformam em testemunhos *materiais e imateriais* da trajetória do homem sobre o seu território;

II - **bens culturais musealizados** - os descritos no inciso I do **caput** que, ao serem *protegidos por museus*, se constituem como patrimônio museológico;

III - **bens culturais passíveis de musealização** - *bens móveis e imóveis*, de interesse público, de natureza *material ou imaterial*, considerados *individualmente ou em conjunto*, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira; [...]

V - **coleção visitável** - conjuntos de bens culturais conservados por pessoa física ou jurídica que não apresentem as características previstas nos incisos IX e X do **caput**, e que sejam abertos à visitação, ainda que esporadicamente; [...]

X - **processo museológico** - programa, projeto e ação em desenvolvimento ou desenvolvido com fundamentos teórico e prático da museologia, que considere o território, o patrimônio cultural e a memória social de comunidades específicas, para produzir conhecimento e desenvolvimento cultural e socioeconômico (BRASIL, 2013. Grifo nosso).

Ainda no mesmo Decreto, instituição museal seria:

instituição sem fins lucrativos, de natureza cultural, que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de outra natureza cultural, abertos ao público, **a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento** (BRASIL, 2013. Grifo nosso).

Segundo a legislação vigente no Brasil, caberia ao museu, obrigatoriamente, em sua versão institucionalizada, “elaborar e implementar” o Plano Museológico, o qual deve compreender: programa e projetos institucionais; programa e projetos de gestão de pessoas; de acervos; de exposições; educativo e culturais; de pesquisa; arquitetônico-urbanístico; de segurança; de financiamento e fomento; de comunicação; de acessibilidade a todas as pessoas; e socioambiental (BRASIL, 2009). A obrigatoriedade do Plano Museológico acarreta a necessidade de programas e projetos que compreendam o diagnóstico, a análise de viabilidade quanto às implicações socioambientais e os recursos financeiros e humanos necessários para a criação e/ou manutenção da instituição museu ou instituição museal. É igualmente importante revisar e definir a missão, visão e objetivos do museu, entre outros aspectos. Espera-se que o diagnóstico e, conseqüentemente, o Plano Museológico sejam desenvolvidos antes da criação do museu, o que permite uma análise quanto à real necessidade de criação da instituição. Caso a instituição museal já exista, o Plano Museológico permitirá

20 No parágrafo 1º do Artigo 5 da Lei 11.904 de 2009, “Consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2009).

A UnB é um museu?

Pensando possibilidades de musealização

planejar as ações da instituição, permitindo revisar a missão, visão e objetivos da instituição, caso seja necessário.

Ainda, no âmbito legal e da normatização, no que diz respeito aos bens musealizados ou passíveis de musealização, é importante citar a Resolução Normativa no 225²¹, de 29 maio de 2019, a qual regulamenta a **Declaração de Interesse Público de bens culturais musealizados ou passíveis de musealização** e considera a “possibilidade de integrarem [os] acervos musealizados, cuja proteção e valorização, pesquisa e acesso à sociedade representem valor cultural de destacada importância para o país, respeitada a diversidade cultural, regional, étnica e linguística” (IBRAM, 2019), podendo incluir bens culturais musealizados de caráter arquivístico (inciso IV do art. 3º da Resolução Normativa - RN/IBRAM nº 02, de 2014). A referida declaração possibilita o ato de acautelar itens móveis e imóveis existentes também em espaços não museais, “visando à preservação e à difusão do patrimônio cultural de destacada importância para o país” (IBRAM, 2019). Na Universidade de Brasília, poderíamos identificar diferentes bens relevantes para a história local e nacional.

Para além da normatividade, Cardoso define que

Musealizar é colocar a Relevância Patrimonial na Memória e na Cognição. E essa Relevância deve ser entendida como o principal recurso endógeno da sobrevivência. Isto é, daquilo que hoje se designa por desenvolvimento, qualificação, emprego, e competitividade... Há muita ingenuidade quando se reduz o Patrimônio a um assunto «artístico, cultural, ou de entretenimento». O Patrimônio não é apenas algo herdado do Passado; o Patrimônio mantém e treina competências cognitivas consideradas relevantes no processo adaptativo do ser humano. É a esse contributo sempre com origem no Presente que se deve chamar «Educação Museal». (CARDOSO, 2014: 25).

Para Bruno (1996), ainda sobre o processo de musealização, ao refletir sobre o “discurso expositivo como um dos produtos do processo de musealização”, a autora afirma que a

musealização, carrega, implicitamente, uma contradição, ou seja: os olhares seletivos que são responsáveis pela preservação patrimonial (tanto o olhar do poder econômico, quanto o do poder acadêmico) são impulsionados por uma realidade muito distinta daquela que emerge a partir de um fenômeno de comunicação. Pessoalmente, [a autora prefere] considerar que o processo de musealização tem potencialidade de conciliar estas duas vertentes, a partir da compreensão de que elas existem. Para tanto, seria necessário que as instituições tentassem articular e controlar três grandes níveis de sua organização: - Planejamento Institucional (planejamento estratégico) - Gerenciamento da Informação (conservação e documentação) - Comunicação Museológica (exposição e ação educativa). (BRUNO, 1996:62).

21 A Resolução Normativa no 225, de 29 maio de 2019, resolve “viabilizar a realização, com segurança jurídica, de ações oficiais dos órgãos públicos competentes voltadas ao apoio aos museus públicos e privados e aos proprietários ou responsáveis legais de bens culturais musealizados ou passíveis de musealização, considerados individualmente ou em conjunto”. O “processo de Declaração de Interesse Público será instaurado perante a Presidência do Ibram por: I - recomendação técnica do Ministério da Cidadania ou do Ibram; ou II - requerimento por qualquer interessado ou pelo proprietário do bem”, mediante formulário e outras documentações que deverão ser enviados à Presidência do Ibram, por meio de e-mail. A avaliação será realizada, desde que aprovada pelo Presidente do Ibram, mediante “juízo de admissibilidade do Requerimento”, pela Comissão de Avaliação Técnica (IBRAM, 2019).

Pensando os museus, especialmente, para Shanks e Tilley (1987), seriam instituições que criam narrativas a partir da forma como apresentam os objetos. Contudo, os autores alertam para a necessidade de observar a estética do museu e a relação com os visitantes.

Devemos nos concentrar mais na estética do museu. Ao apresentar artefatos para serem vistos por um público visitante, os museus fazem uma declaração sobre a relação do visitante, visitante do mundo objeto. Os artefatos são montados e apresentados, ordenados para fazer um sentido específico para o visitante. Artefatos são mobilizados em um sistema estético (um sistema de apresentação e visualização) para criar significados. Devemos considerar esta declaração, este sistema estético.²² (SHANKS e TILLEY, 1987: 68. Tradução nossa).

Para Baraçal, a musealização foi inicialmente citada por Stránsky e por Wilhelm Ennenbach, “no início dos anos 70, junto com a palavra musealidade, como um processo de adquirir musealidade” (BARAÇAL, 2008, p. 64).

Para Bruno (2005), o “museal é o fato (relação entre o homem e o objeto em um cenário)”, e “museológico é o fenômeno inserido em uma perspectiva processual”. O “processo de musealização é quando este processo museológico atinge a sociedade e há a reciprocidade em relação às ações museológicas”. (BRUNO, 2005 *apud* CURY, 2005: 25).

um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam em rede no campo social, o limite de uma instituição é outra instituição. E as informações relevantes para a recuperação da memória institucional devem ser por isso, buscadas não apenas nos materiais e fontes internas, mas fora dos muros institucionais (COSTA, 1997, p. 145).

Quanto ao processo museológico, podemos encontrar algumas definições. Para Bruno (1996), ao apresentar reflexões sobre exposições realizadas no Museu de Arqueologia da USP (MAE), a autora ressalta o que entende como o “momento chave do processo museológico: ou seja quando o discurso conceitual começa assumir a sua própria forma e se transforma em discurso expositivo”. Para Bruno, o discurso expositivo seria um “dos produtos do processo de musealização” (BRUNO, 1996: 68).

Para identificar a musealidade dos acervos, objetos, documentos, seria necessário, segundo Chagas (1994), lançar um “olhar interrogativo”, uma vez que

Um documento se constitui no momento em que, sobre ele, lançamos o nosso olhar interrogativo; no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria-prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas, etc. (CHAGAS, 1994: 35).

22 Para os autores: “We shall concentrate more on the museum’s aesthetic. In presenting artifacts to be viewed by a visiting public, museums make a statement about the relation of the viewing visitor to the object world. The artifacts are assembled and presented, ordered to make a particular sense to the viewing visitor. Artifacts are mobilized in an aesthetic system (a system of presentation and viewing) to create meanings. We shall be considering this statement, this aesthetic system” (SHANKS e TILLEY, 1987, p. 68).
ISSN 2238-5436

A UnB é um museu?

Pensando possibilidades de musealização

Ao entender a musealização como um processo que demanda um olhar interrogativo, que inclui conhecer os diferentes contextos perpassados pelo item a ser musealizado, algumas ações são realizadas como pesquisa, comunicação e preservação. Por sua vez, buscando ampliar ainda mais o olhar, a restrição do processo de musealização aos acervos museológicos nos museus poderia ser ampliada, podendo a musealização abarcar os acervos arquivísticos, de bibliotecas e/ou dos centros de documentação nos museus, desde que seus documentos sejam não somente preservados e pesquisados mas também disponibilizados ao acesso público, por meio de exposições, ações educativas, espaços de pesquisa, sistemas de documentação, plataformas digitais, entre outras formas de comunicação.

Voltando à UnB, no que diz respeito aos acervos e coleções, a universidade tem espaços com coleções visitáveis e não visitáveis, conforme alguns mapeamentos realizados por projetos de pesquisa na instituição. No levantamento realizado por Abreu (2019)²³, professora do Curso de Museologia da UnB, foram identificadas 14 espaços que têm coleções visitáveis, incluindo os espaços que exigem agendamento em dias específicos, quais sejam: Casa da América Latina/DEX; Museu de Geociências/IG; Museu de Anatomia Veterinária; Xiloteca/IB; Museu de Ciência e Tecnologia/FT; Museu de Anatomia Humana; Observatório Sismológico; Herbário/IB; Arquivo Central; Biblioteca Central; Espaço Piloto/VIS; Faculdade de Educação; Centro de Excelência em Turismo e Instituto de Psicologia. Outros espaços podem também ser citados como: Batcaverna, vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários e as coleções audiovisuais existentes na Faculdade de Comunicação (FAC). Tal característica nos possibilita vislumbrar a perspectiva da UnB como um Metamuseu ou, conforme a definição de metamuseu apresentado por Cury (2014): museu dele mesmo. Tal entendimento coloca-nos em uma perspectiva de associação da UnB enquanto museu de território, estando musealizados os prédios, as pessoas que por ali circulam, a história local, as diversas culturas que constituem o território ou a Universidade de Brasília.

Pensar a relação de museu com sociedade, patrimônio e memória é entender, igualmente, que estamos tratando de “campos de luta, conflito, litígio” (CHAGAS *et al.*, 2018, p. 84), e as reflexões no âmbito social devem ser consideradas para tal relação. Para tanto, no campo da museologia, alguns documentos são destacados como relevantes para a reflexão social dos museus e, consequentemente, da museologia, especialmente na área da Museologia Social ou Sociomuseologia que analisa tal relação e coloca o social como aspecto central nas pesquisas museológicas.

Citemos, como exemplo, a Declaração de Santiago do Chile²⁴(1972) que apresenta a proposta de Museu Integral, ou seja, “a instituição agora tinha o papel de trabalhar com a comunidade por meio de uma visão de Patrimônio Global – [sendo] a ideia do museu enquanto acção”. As outras declarações re-

23 A Profa. Dra. Ana Abreu coordenou pesquisa que visa mapear os espaços que detêm coleções nos Campi da Universidade de Brasília. O primeiro relatório foi produzido e encaminhado à Reitoria e Decanato de Extensão, no formato de nota técnica, documento anexado ao Processo SEI no 23106.008984/2019-11.

24 Declaração de Santiago. Disponível em: <https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/05/declaracao-icom-unesco-santiago-do-chile-1972.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

levantes são a Declaração de Quebec (1984)²⁵ e a Declaração de Oaxtepec²⁶, ambas “reafirma[m] muitas das questões apontadas e recomendadas na Mesa Redonda de Santiago do Chile”. As referidas declarações corroboram nas discussões conceituais, especialmente no que se refere à criação do Movimento da Nova Museologia, debate ancorado, inicialmente, nos limites do que se entendia por Museologia Tradicional e Nova Museologia (PRIMO, 1999: *passim*). Assim a

nova museologia se contrapunha a uma velha e arcaica museologia. Mas na verdade o que ocorreu com a ‘ciência’ museológica, assim como em todas as outras ciências sociais é um despertar para tudo o que estava acontecendo no mundo contemporâneo, através de uma percepção mais aguçada das transformações ocorridas na sociedade e uma busca em se actualizar (sic) e agir mais contemporaneamente e, não o surgimento de uma outra museologia (PRIMO, 1999: 23).

A comparação entre as nova museologia e a antiga, a museologia tradicional, apresentava-se a partir da comparação inicial de que a

Museologia Tradicional era aquela que se exercia dentro de um Edifício, com uma coleção, para um público determinado exercendo uma função educadora (educação formal); enquanto a Nova Museologia era exercida dentro de um território, trabalhando o patrimônio cultural com uma comunidade participativa (PRIMO, 1999:23).

QUADRO I - Comparativo entre Museologia tradicional e Nova Museologia

MUSEOLOGIA TRADICIONAL	NOVA MUSEOLOGIA
Edifícios	Território
Coleções	Patrimônio
Público determinado	Comunidade Participativa
Função Educadora	Museu entendido como um ato pedagógico para o ecodesenvolvimento

Fonte: PRIMO (1999:23)

Para Hugues de Varine, as transformações podem ser percebidas da seguinte forma, quando falamos em museu:

O museu, além das definições acadêmicas, era e ainda é: edifício + coleção + público. Qual é a realidade desses três elementos e o que acontecerá ao museu nas próximas décadas? [...] O edifício é substituído por um território, que é o território bem definido de uma comunidade. [...] A coleção consiste em tudo o que há nesse território e tudo o que pertence aos seus habitantes, tanto imobiliário como mobiliário, material ou imaterial. É uma herança viva, em constante mudança e criação. [...] O público é a população do território em questão como um todo, ao qual visitantes de fora da comunidade podem ser secundariamente adicionados (VARINE, 1979:70-81)²⁷.

25 Declaração de Quebec. Disponível em: <http://www.iber museos.org/pt/recursos/documentos/declaracao-de-quebec-1984/#:~:text=Princ%C3%ADpios%20de%20base%20de%20uma,%2C%20os%20museus%20comunit%C3%A1rios%2C%20etc>. Acesso em: 22 out. 2020.

26 Declaração de Oaxtepec. Disponível em: <http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-oaxtepec.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

27 Para o autor, existiriam dois princípios: “O princípio de Santiago [Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972, do qual resultou a Declaração de Santiago] – a função social do museu, que implica participação. E o segundo princípio, que é um princípio clássico do movimento local de todos os modelos desenvolvimentistas, ou seja, a ideia de que cada pessoa tem uma competência, tem um saber, não é só o patrimônio imaterial! Cada um de nós tem um saber de vida e que é necessário utilizar senão somos vítimas do saber dos outros. Trata-se de um princípio de Paulo Freire. Paulo Freire dizia – cada um de nós sabe muito e se valorizarmos o saber de cada pessoa temos uma riqueza enorme de saberes que podem ser utilizados para

Então, o museu comunitário

diferentemente do museu clássico, é a parte ativa da população, aquela que detém o poder, em qualquer nível que seja, quem decide as opções essenciais do museu, desde a sua concepção até o seu funcionamento cotidiano, em outros termos, quem orienta o processo. Isto pode se fazer de maneira institucional, a partir da coletividade (municipalidade por exemplo) ou de maneira comunitária (por uma associação, um grupo informal) ou pela iniciativa de um “líder comunitário” ou ainda de modo participativo, pela ação de vários atores e parceiros locais. (VARINÉ, 1999:82).

Tal perspectiva poderia vislumbrar a Universidade de Brasília como um museu de território²⁸. Contudo, cabe incluir nas reflexões como seriam inseridos, em tal proposta, a relação entre os *campi* da universidade, localizados no Plano Piloto (Asa Norte), Planaltina, Ceilândia e Gama, diferentes pontos do Distrito Federal.

Para além do simples entendimento de museus de território, a possibilidade que deve ser motivadora de tal reflexão é compreender como “o patrimônio pode ser apontado como um recurso político, capaz de combater as desigualdades” (REIS, 2019, p. 5). Tal perspectiva incidiria, principalmente, em questões que fazem da Universidade de Brasília uma instituição voltada ao desenvolvimento social.

Museus devem ter como característica essencial ser permeáveis a todas as formas de expressão humana. Nesse sentido, todos os museus têm importância para as comunidades a que servem. [...] Nada é mais poderoso do que o sentimento de pertença, e não há política patrimonial, cultural ou ambiental que possa sobrepor-se ao cuidado que temos do que julgamos nosso [...] Na experiência comunitária de âmbito local, não é imprescindível a aprovação de agentes externos: o importante é o que sente e faz a própria comunidade. Isso não significa desenvolver-se à margem da legislação ou das influências do mundo, mas concentrar a ação no próprio espírito, nos valores e nas dinâmicas da cultura local, relativizando os insumos trazidos por outros atores, especialmente os da Academia. (SCHEINER, 2012: 28).

Enquanto cadeia operatória, que inclui ações de ressignificação a partir de atividades no âmbito da seleção, que podem ser *in situ* ou *in loco*, pesquisa, documentação, conservação, comunicação e educação. Assim, enquanto parte da cadeia operatória da Musealização, a comunicação abarcaria diferentes atividades. O termo “comunicação” teria origem no “latim *communicare*, que significa tornar comum, compartilhar, trocar opiniões, associar, conferenciar” (TRISTÃO, 2018:14). Para Santaella (2001:20), a comunicação requer intencionalidade, ou seja: “atividade direcionada a um objetivo, envolvendo, portanto, a validação”.

A comunicação, de fato, é um processo multifacético que ocorre ao mesmo tempo em vários níveis - consciente, subconsciente, inconsciente - como parte orgânica do dinâmico processo da própria vida [...]. Serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação,

o desenvolvimento local, para a política e para tudo, inclusive para a gestão do patrimônio, para a criação de instituições educativas e instituições do tipo museu. Por um lado, temos um princípio político, que é o princípio da função social e, por outro lado, o princípio empírico, que é a utilização dos saberes das pessoas. E se estes dois conceitos se unirem num projeto então temos participação.” (CARVALHO, 2015, p. 155).

28 O Museu à céu aberto é considerado museu de território, juntamente com a cidade monumento.

cada pessoa seria um mundo fechado entre si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas. (BORDENAVE, 2017: 32).

No âmbito da universidade, recorte proposto para a presente pesquisa, a comunicação²⁹ pode ser percebida, dentre outras possibilidades, nas atividades de extensão ou comunicação universitária: atividades que proporcionam a interação entre a universidade e a sociedade.

Na Universidade de Brasília, segundo informações disponibilizadas no site oficial da instituição, atualmente, a relevância da extensão estaria em contribuir para a democratização da relação universidade-sociedade, por meio do incentivo e da integração entre “artes e a ciência ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento social.”³⁰ Tal entendimento dialoga com sua missão que é

Ser uma universidade inovadora e inclusiva, comprometida com as finalidades essenciais de ensino, pesquisa e extensão, integradas para a formação de cidadãos e cidadãos éticos e qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para questões nacionais e internacionais, por meio de atuação de excelência.³¹

Dentre as diversas atividades, exposições, projetos, programas, eventos cursos desenvolvidos no âmbito da extensão, estão os projetos relacionados aos espaços de preservação de coleções, incluindo os espaços museais. Para Barbosa (2020), chefe do Museu de Geociências da Universidade de Brasília (MGEO), a “Extensão Universitária define-se como o conjunto de ações e atividades que promovem a interlocução da Universidade e dos setores da Sociedade”. Para ela, a “Extensão Universitária tem como papel responder às demandas dos setores sociais dentro das possibilidades e limites de atuação da instituição” Ainda no que diz respeito ao entendimento do que seja extensão, segundo a definição apresentada no Fórum de Pró-reitores,

A extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012: 42).

Para a atual decana de extensão da Universidade de Brasília, Profa. Dra. Olgamir Amancia Ferreira, a extensão teria como principal papel:

as atividades de extensão se situam no campo da formação acadêmica como qualificadoras da formação profissional implementada em nossas universidades à medida que se assentam em práticas democráticas regidas pelo diálogo, pelo compartilhamento e convivialidade, cujos resultados impactam a formação do estudante, a universidade e a sociedade com a qual as interações se estabelecem se materializando como uma síntese do compromisso público da universidade.

Na Universidade de Brasília as atividades de extensão tem sido de-

29 Na área de Museologia são desenvolvidos estudos de comunicação em museus, comunicação museológica, estudos de recepção, entre outros no âmbito das exposições culturais, inclusive nos museus e espaços museológicos.

30 FUB. Decanato de Extensão. Disponível em: <http://www.dex.unb.br/odecanatodeextensao>. Acesso em: 20 out. 2020.

31 FUB. Missão. Disponível em: <https://www.unb.br/a-unb/missao>. Acesso em: 20 out. 2020.

A UnB é um museu?

Pensando possibilidades de musealização

envolvidas referenciadas na Política Nacional de Extensão (2012) e nas demandas sociais da comunidade do DF e região metropolitana. Por meio da articulação com o ensino e a pesquisa, expressa em práticas interdisciplinares e interprofissionais, os programas e projetos de extensão buscam responder aos temas mais candentes da sociedade, assim como se vincularem aos grupos sociais mais vulneráveis e ao território. Nessa perspectiva, estimulam a produção democrática do conhecimento a partir do diálogo com a sociedade, resultando dessa interação um conhecimento que agrega as dimensões técnica, estética e ética, amplamente implicado no compromisso com a transformação social.

Seja através das ações realizadas no âmbito da extensão, do ensino e/ou da pesquisa, pensar a memória institucional da instituição Universidade de Brasília requer entender que “se a instituição existe, a memória se plasma”, conforme afirmado por Thiesen (2013). É na existência que ela justifica a sua relevância. Por sua vez, pensar a história da Universidade de Brasília (UnB) requer também pensar a memória institucional, entendendo a “memória como alvo político [e que] passa por determinados discursos e está aliada aos critérios de verdade vigentes na sociedade” (THIESEN, 2013: *passim*). A memória institucional requer a

racionalização presente nas instituições e observar como ela opera tanto no comportamento dos indivíduos como no conjunto das instituições que formam a sociedade. Isto porque as instituições retêm e esquecem num processo de racionalização (THIESEN, 2013, 201: *passim*).

Pensar em musealizar ou torná-la passível de musealização requer conhecer a comunidade universidade, em seus diferentes momentos, incluindo a organização e a divulgação da produção científica, tecnológica, histórica, cultural e artística da UnB em sistemas integrados de informação, amplamente divulgados, juntamente com a preservação das memórias de seus estudantes, técnicos e professores. Musealizar é manter viva as diversas formas que nos relacionamos com a Universidade de Brasília.

Considerações Finais

A criação e implantação da Rede de Museus³² e coleções de interesse público ou passíveis de musealização da UnB (conforme aprovado na Câmara de Extensão em 2019) é fundamental, o que exigirá a: implantação de sistema de documentação integrado de museus, arquivos e bibliotecas; mapeamento dos bens passíveis de musealização; realização de inventário participativo com a comunidade da UnB; mapeamento e documentação da produção científica, tecnológica, histórica, cultural e artística da Universidade; desenvolvimento de plano museológico das instituições museais; análise de risco dos espaços museais e demais espaços de coleções visitáveis ou não visitáveis, incluindo os prédios históricos existentes nos *campi*; desenvolvimento e implantação de programa de segurança de acervos; dentre outros.

Portanto, o exercício aqui proposto é direcionado ao entendimento ampliado de musealização, enquanto processo que deve ser realizado coletivamente, devendo, ainda mais, voltar o olhar às questões sociais da instituição e de seu entorno, processo no qual a extensão tem protagonismo.

32 A proposta de Rede de Museus da UnB foi aprovada em 2020, como Programa Especial, na 635ª Reunião Ordinária da Câmara de Extensão (CEX/UnB).

Assim como Oiticica entendia que o “museu é o mundo, é a experiência cotidiana”, ampliando o olhar quanto ao local onde é possível realizar as manifestações artísticas; o presente artigo buscou exercitar a ampliação do olhar quanto ao entendimento do que seja musealização. Para além de um conceito ou processo que envolve identificação, pesquisa, conservação e comunicação, a musealização é um processo que mobiliza colaboração, cooperação, coletividade. Deve estar baseado na defesa da diversidade, das diferentes culturas, nos diferentes patrimônios, promovendo a defesa dos direitos humanos e do desenvolvimento social, seja no âmbito das ideais ou da ação, podendo ampliar ou contribuir nas políticas desenvolvidas pela Universidade de Brasília.

Referências

BARAÇAL, Anaildo. *O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbynslav Stránský*. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BARBOSA, Paola. Definição/ papel da Extensão universitária [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paolaferreirabarbosa@gmail.com em 21 out. 2020.

BRAGA, P.P.; OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de; COUTO, Maria de Fatima Morethy. Hélio Oiticica: Museu é o Mundo. In: OLIVEIRA, Emerson Dionísio G. , COUTO, Maria de Fatima Morethy. (Org.). *Instituições de Arte*. 1 ed., Porto Alegre: Zouk, 2012, p. 159-172.

BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso em: 2 mar. 2019.

BRASIL. Decreto 8124 de 17 de outubro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm. Acesso em: 2 mar. 2019.

BRUNO, M. Cristina. Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização. *Cadernos de Sociomuseologia*. v. 9 n. 9. Museologia e comunicação. p. 55-73, 1996.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a escola de Brno. *Anais no Museu Paulista*. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 403-425, 2017.

CARDOSO, P.M. *O que é Museologia?* Lisboa: IGAC. 2014.

CARVALHO, A. O Fascínio do Patrimônio e dos Museus: Entrevista com Hugues de Varine. *Cadernos de Sociomuseologia*. V. 49, n. 5, 27 Set. 2015.

CHAGAS, Mario. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do

A UnB é um museu?
Pensando possibilidades de musealização
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mario de Souza. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*. N.º 2, Lisboa: ULHT, 1994. p. 29-47.

CHAGAS et al. A Museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 11, v. 55, 2018. Disponível em: <https://revistas.ulufona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364>. Acesso em: 20 out. 2020.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1997. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Anablume, 2005. 162p.

CURY, M. X. (2014). Museologia e conhecimento musológico – uma perspectiva dentre muitas. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 3(5). <https://doi.org/10.26512/museologia.v3i5.15470>.

DAVALLON, J., Pourquoi considérer l'exposition comme un média? In: LE MAREC, J. (dir.). L'Exposition un média. *Médiamorphoses*. no 9, nov. 2003. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Pourquoi-consid%C3%A9rer-l%27exposition-comme-un-m%C3%A9dia-Davallon/959285c4a2b157f2ad227e8fa77a5431a2f697f9>. Acesso em: 29 nov. 2020.

DAVALLON, Jean. La médiation: la communication en procès? Disponível em: http://www.mei-info.com/wp-content/uploads/revue19/ilovepdf.com_split_3.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

DAVALLON, Jean. Le pouvoir sémiotique de l'espace. Vers une nouvelle conception de l'exposition. *Hermès, La Revue Cognition*. n.º 61, Vol. 3. 2011. Disponível em: . Acesso em: 29 nov. 2020.

DESVALLÉES, André Desvallées; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 101p.

FORPROEX, Fórum de Pro-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. 2012, 74p.

GALLO, H. (2016). Materiality & preservation: The tangible support and the time in the cultural patrimony preservation. *DAT Journal*, 1(2), 151-162. Disponível em: <https://doi.org/10.29147/2526-1789.DAT.2016v1i2p151-162>. Acesso em: 29 nov. 2020. IBRAM. Resolução Normativa n.2. Declaração de Interesse Público de bens cul-

turais musealizados ou passíveis de musealização. 2019. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/Instrucao-normativa-e-anejos.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

LOUREIRO, Maria Lúcia Matheus. Objeto de museu como documento: um panorama introdutório. *Em Questão*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 13-36, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245251.13-36>. Acesso em: 10 jun. de 2020.

MACHADO NETO, A. L. Apêndice 2: A ex-universidade de Brasília: significação e crise. In: RIBEIRO, D. A *Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 239-60.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.* [online]. 2017, vol.25, n.96 [citado 2020-11-20], pp.585-608. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362017000300585&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2020.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A.; MATIAS, G. R. A universidade necessária em Darcy Ribeiro: notas sobre um pensamento utópico. *Ciências Sociais*. Unisinos, v. 42, n. 3, p. 199-205, set./dez. 2006.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PIRES, V. S. (Org.); CHAGAS, M. S. (Org.). *Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade*. 1. ed. Brasília: Ibram/MinC, 2018. v. 1. 308p.

PRIMO, J. Pensar Contemporaneamente a Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 16, n. 16, 11. 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>. Acesso em: 22 nov. 2020.

REIS, Gabrielle Alves. O território como estratégia de memória: museus e territórios. In: *XIII Enanpege*, 2019. Disponível em: https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562628262_ARQUIVO_GabrielleAlvesReis_OTerritoriocomoEstrategiasdeMemoria-MuseusdeTerritorio.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

RIBEIRO, Darcy. *UnB: Invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir editora. Volume 3. 169 p. 1978

_____, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 313 p. 1975.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. 1.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SCHEINER, Teresa Cristina. *Repensando o Museu Integral: do conceito às prá-*

A UnB é um museu?

Pensando possibilidades de musealização

ticas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SCHLEE, Andrey Rosenthal et al. *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora UnB. 152p.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

THIESEN, I. *Memória Institucional*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2013.

TRISTÃO, Cristian. *As barreiras de Comunicação em projetos: como identificar e minimizar os seus impactos*. 2018. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

UnB. *Plano Diretor da Fundação Universidade de Brasília*. 1962. 51p.

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. 2002. 7p

VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In: ROJAS, Roberto (org.). *Os Museus no Mundo*. Rio de Janeiro: SALVAT Editora do Brasil, 1979, p. 8-21; p.70-81.

Submetido em 02/10/2020.

Aprovado em 16/11/2020.